XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

2017

K, de Kucinski: a autoficção como instrumento para a elaboração do trauma

Sofia Garcia Faria*.

Resumo

Esta pesquisa apresenta uma reflexão em literatura do romance K. – Relato de uma busca, do autor brasileiro Bernardo Kucinski, que teve a irmã sequestrada pelos militares durante a ditadura militar de 1964 do Brasil, a partir da ótica da autoficção. Isso é feito com base em estudos sobre o teor testemunhal, o conceito de autoficção e o de pacto autobiográfico. Com isso, busca-se discutir como a autoficção auxilia na elaboração do trauma, uma vez que ajuda a dar voz ao indivíduo que passou por uma situação traumática. A partir da análise do romance, visou-se mostrar, além disso, como a narração do trauma ajuda na criação da memória coletiva do período ditatorial, algo pouco trabalhado no país, se comparado à forma como a Shoah é abordada na Alemanha, mas de suma importância para a não repetição desses eventos de horror.

Palavras-chave:

Testemunho, literatura e ditadura brasileira, autoficção.

Introdução

A pesquisa se propõe a entender como o conceito da autoficção ajuda na elaboração de eventos traumáticos – tendo como base a necessidade de narração do trauma –, levando em consideração a questão do teor testemunhal¹, do conceito de autoficção² e de pacto autobiográfico³, em especial no que se refere à obra de Kucinski. A pesquisa visa considerar, também, a importância da escrita de obras de autoficção para a criação da memória coletiva brasileira, uma vez que o período ditatorial permanece em grande parte recalcado no país.

Resultados e Discussão

A análise da obra de Kucinski permite que se perceba a necessidade latente de narração do trauma de um familiar de um sobrevivente, que pode se manifestar de forma controlada, ou não. Isso se dá porque esse indivíduo, após a experiência do trauma, entra em processo de elaboração e a narração desse evento auxilia nesse processo. Dessa forma, o que é indizível desencadeia a escrita, pois, diante da impossibilidade da elaboração, o sobrevivente busca formas de expelir esse sentimento. Há lugar, também, para a concepção freudiana de experiência traumática, que consiste numa experiência que não pode ser totalmente assimilada e por isso acaba, diversas vezes, recalcada pelo indivíduo que experienciou um evento traumático. O testemunho, portanto, seria a tentativa de narração não do fato violento em si, mas da resistência existente na compreensão desses fatos⁵. Ademais, a análise das obras *La casa de los conejos*, de Laura Alcoba, e *Antes do Passado*, de Liniane H. Brum, é fundamental para o entendimento da questão do hiato da memória, e, principalmente, para a percepção da ficcionalização da experiência traumática como elemento importante no trabalho de luto, por tornar a narração mais fácil⁶.

Conclusões

Percebe-se, então, que o trabalho de rememoração em K. – Relato de uma busca é também um trabalho de resistência⁷, aspecto comum na literatura de teor testemunhal. A obra, por conta do seu distanciamento temporal – foi publicada em 2011, vinte e seis anos após o fim do regime ditatorial –, contraria o autoritarismo do

período e dá voz ao processo de elaboração da personagem K., bem como ao de sua família, pois permite que esses episódios sejam reinterpretados a partir da ótica ficcional, que preenche as lacunas daquilo que nunca foi compreendido, por conta da falta de informações disponibilizadas aos familiares dos desaparecidos políticos de 1964. A ficção também fica o posto de auxiliar na criação da memória coletiva sobre esse período. A escrita de si na pós-modernidade, marcada pela instabilidade e multiplicidade do “eu”, corrobora com o processo de identificação pelo qual o leitor passa, de forma que é possível manter acesa a chama do desastre desses eventos de horror.

Agradecimentos

Agradeço à minha família, por sempre estar presente em minha vida e confiar em mim; aos meus amigos, pelo companheirismo e divertimento que sempre me proporcionam; à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), por me permitir buscar conhecimento e seguir meus sonhos; ao CNPq, por conceber o financiamento a esta pesquisa; ao meu professor e orientador, Márcio Seligmann-Silva, pela paciência e ensinamentos; e, por fim, aos mortos, desaparecidos e sobreviventes da ditadura militar no Brasil, por lutarem contra a repressão e a favor da liberdade de expressão e de uma sociedade mais justa e igualitária.

¹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes*. Projeto História, São Paulo, v.30, p. 71-98, jun. 2005, p. 85.

² KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro. O retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro, RJ: 7letras, 2007, p. 26.

³ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à internet*. Organização/tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução Marina Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2008.

⁴ VELASCO, Tiago M. *Escritas de si contemporâneas: uma discussão conceitual*. In: ABRALIC XIV Congresso Internacional. Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias, n. 2015, Belém. *Anais...* Belém: 2015 p. 1-12.

⁵ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Apresentação da questão: a literatura do trauma*. Em História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes. Organizado por Márcio Seligmann-Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 45-58.

⁶ FONTES, Izabel S. C. Memória, ficção e trabalho de luto em *La casa de los conejos*. *Revista Confluências Culturais*, Joinville, v. 4, n. 2, p. 9-19, set. 2015.

⁷ ARAUJO, Amanda A. V. Memória e ficção em K. – Relato de uma busca. *Revista Iluminart*, n. 13, p. 18-32, dez. 2015.